

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

2-0-43

14

Curso... C-PEM.....

Partido.....

Solução do... P-III-7 (EN).....

Apresentada por

..... VALTER DA COSTA

..... CORONEL (ART) QEMA

NOME E POSTO



RIO DE JANEIRO

19.86.....

2-D-43



A PRESENÇA SOVIÉTICA NO AFEGANISTÃO

VALTER DA COSTA
Coronel-ArtQEMA



MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1986

MM - EGN
BIBLIOTECA
22/103/1987
N: 749

GN-00001711-1





"Meu espírito permanecerá no Afeganistão, ainda que
minha alma vá para Deus. Minhas últimas palavras para vo-
cê, meu filho e sucessor, são: Nunca confie nos Russos".

Abdur Rahman Khan

Amir do Afeganistão, 1880-1901.

A PRESENÇA SOVIÉTICA NO AFEGANISTÃO

- OS FATOS

A República Democrática do Paquistão, com uma área de 652.225 Km² e população de 14.480.000 habitantes, está situada na Ásia Central e tem limites ao Norte com a União Soviética, no nordeste com a China, a Leste e ao Sul com o Paquistão, e a Oeste com o Irã.

Em 1978, o Afeganistão passava por sérios problemas econômicos com ênfase na elevada taxa de desemprego. O descontentamento, principalmente de esquerdistas, culminou, em 27 de abril, com a deposição do governo de Mohamed Daud. Organizado o novo governo, Nur Mohamed Taraki, líder do PDPA (Partido Democrático do Povo do Afeganistão), ocupa o posto de Presidente. Hafizulah Amin torna-se Primeiro-Ministro e Brabak Karmal é nomeado Vice Presidente.

Taraki e Amin preocupam-se, de início, em convencer o mundo de que o Afeganistão era um país não alinhado, na tentativa de continuar recebendo ajuda de todos os lados, inclusive dos Estados Unidos. Logo, o novo regime demonstrou que estava estreitamente ligado ao bloco soviético, não só pelos acordos firmados mas também na organização, programas de governo, tratamento diplomático, etc.. Entretanto, o que diminuiu a ajuda dos EUA foi a morte do embaixador americano, sequestrado por oponentes ao regime, em operação de resgate realizada pelo Exército Afegão sob má orientação de conselheiros soviéticos.

A unificação do partido, por pressão soviética, para a tomada do poder não persistiu após o golpe, aumentando mais a rivalidade entre as facções Khalq (povo) e Parcham (bandeira). Os membros do Parcham passaram a ser perseguidos, incluindo militares.

A rebelião cresceu com execuções em massa, bombardeamento de aldeias, destruições de fazendas etc. Crescia também o ressentimento contra os soviéticos por tornarem os líderes nacionais simples fantoches.

Em setembro de 1979, Taraki visitou Moscou e num encontro com Brezhnev este criticou Amin, mostrando a necessidade de expurgá-lo.

Três dias após Taraki retornar ao Afeganistão, Amin reforçou sua posição afastando quatro membros do Gabinete, fiéis ao Presidente. Chamado ao Palácio do Povo por Taraki, Amin pensou, inicialmente, em não ir, antevendo a conspiração mas, diante das garantias de segurança dadas pelo Embaixador Soviético, concordou. Foi recebido com um verdadeiro tiroteio mas conseguiu sair ileso, retornar com reforços e prender Taraki. Para o povo, o Presidente retirava-se do governo por problemas de saúde e "morria", no início de outubro, da grave doença que vinha sofrendo.

Com Amin no centro do poder, as relações com os soviéticos perderam a cordialidade por ressentimentos mútuos ainda que, para o grande público, aparentassem excelentes. Amin aceu na melhores relações para com os EUA que respondem positivamente mas de forma limitada, não esquecendo a morte do Embaixador Dubs. Não encontrando respaldo externo eficaz, procura no âmbito interno reforçar sua posição. Busca criar uma base popular mas falha, recrudescendo a desconfiança dos soviéticos nele e na sua política.

A Revolução de Abril de 1978, apesar das doses maciças de ajuda soviética, chega ao final de 1979 totalmente fracassada, criando, em razão da sua ineficiência, discórdias no partido, resistência armada em 18 das 26 províncias e o caos nas atividades produtivas do país.

No dia 24 de dezembro de 1979, três divisões motorizadas,

85.000 homens, invadiram por terra e marcharam sobre HERAT , CANDAHAR e CABUL. Na tarde do dia 27, o Presidente Amin recebia uma chamada telefônica do amável Ministro das Comunicações da URSS , informando que tudo estava perfeitamente normal. Naquela mesma noite, unidade soviética atacou o Darulaman Palace, matando Amin e diversos membros de sua família. É colocado em seu lugar Babrak Karmal, líder Parcham, que encontrava-se refugiado em Moscou, sendo preparado para a Chefia do Governo.

- CAUSAS DE INVASÃO

A existência de uma fronteira comum, aliada à necessidade da URSS proteger-se com um cordão de segurança constituído de países sob sua influência ou no máximo neutros, destaca-se como uma verdadeira causa que motivou a invasão.

A Doutrina Brezhnev pode, também, ser arguida como verdadeira causa na medida em que o Golpe de 78 tornou o Afeganistão comunista e como tal deveria manter-se ainda que com a intervenção de Moscou. O temor dos soviéticos residia na possibilidade de Amin buscar apoio de Pequim ou Washington, ou ser expulso pelos rebeldes, assumindo o poder um regime anti-soviético com o respaldo do Paquistão, Irã, EUA, China e outros inimigos da URSS.

Outras causas podem ter influído na tomada de decisão de invadir o Afeganistão.

Havia uma crise no Irã com reais possibilidades de intervenção dos EUA o que tornaria insustentável para Moscou a mudança de regime no Afeganistão.

O elemento religioso também ponderou significativamente por serem os rebeldes muçulmanos e o comunismo ateu. A vitória da oposição poderia catalizar o perigo islâmico na Ásia Central e disseminá-lo pela URSS.

A aspiração soviética de direcionar-se para o Golfo Pérsico, clamada por Molotov e Stalin desde 1940, influenciou na decisão, tendo em vista que a situação geopolítica do Afeganistão concorre para sua colimação.

Em quase dois mil anos de história, a expansão soviética foi uma constante. A invasão não representa somente a defesa do comunismo mas, também, a continuação de séculos de Imperialismo Soviético. A história da Rússia é uma história de invasões, principalmente a seus vizinhos europeus e asiáticos, e a União Soviética continuou a tradição. A política externa mantém-se fiel aos objetivos determinados por Stalin, isto é, colocar o mundo à mercê do comunismo.

Outra razão era a situação caótica do país que tornava inócua o auxílio soviético pela ineficiência e comprometimento de Amin e seus soldados. Diante das alternativas de abandonar o Afeganistão ou intervir militarmente, esta foi a escolhida, colocando um novo presidente, mais competente, mais obediente e menos identificado com as políticas impopulares (aconselhadas por Moscou) impostas por Taraki e Amin.

O que incentivou os soviéticos foi a aparente atitude de Washington em considerar o Afeganistão de pouca importância. Ficou demonstrada com a fraca reação ao Golpe de 1978, ao assassinato do Embaixador Dubs e ao intenso movimento de tropas na fronteira da URSS com o Afeganistão.

A invasão pode ter sido a oportunidade que os militares soviéticos aguardavam para testar novas armas, novas táticas e adquirir experiência de combate para suas tropas, bem como, o ensejo para ganhar medalhas, promoções e glórias.

O temor dos soviéticos em relação aos chineses, a aproximação de Washington a Pequim, a fronteira do Afeganistão com a China e o interesse desta em ajudar e encorajar um novo regime anti-soviético, somaram em favor da invasão.

O motivo econômico é sempre lembrado pois a invasão garantiu o acesso da URSS aos recursos minerais do Afeganistão, principalmente, o gás natural importado pelos soviéticos, há muitos anos, e por preços baixos.

- A VISÃO OBLITERADA DOS EUA

A invasão causou grande surpresa à população americana e, acredita-se, até ao governo Carter ainda que órgãos de informações tivessem conhecimento da elevada concentração de tropas e material ao longo da fronteira da URSS com o Afeganistão.

Os EUA reagiram discretamente ao golpe comunista de abril, sem retirar a ajuda econômica, na crença de que, mantendo presença, poderiam influenciar o regime. Os meses passaram, assassinaram o Embaixador Dubs e Washington permanecia na ilusão de poder reverter a escalada comunista no Afeganistão.

A política internacional norte americana dava especial atenção ao acordo SALT para limitar armamentos e a indecisa e não firme administração Carter tudo fazia no intuito de não desagradar os soviéticos para conduzir com sucesso as negociações. Internamente, os principais assessores divergiam quanto ao tratamento a ser dado à questão. O Secretário de Estado, Cyrus R. Vance, e o Conselheiro em Assuntos Soviéticos, Marshall Shulman, eram totalmente favoráveis a "detente", empenhavam-se em revivê-la e acreditavam na melhoria das relações entre as superpotências, não crendo que os soviéticos fossem prejudicá-las. Do outro lado, competitivamente, liderados por Zbigniew Brzezinski, Assessor de Segurança Nacional, estavam aqueles que viam a iminência de intervenção e queriam que os EUA estivessem preparados. O máximo que estes conseguiram foi uma advertência aos soviéticos, através de um porta-voz, de não interferência nos assuntos internos do Afeganistão.

Perguntado a Vance a razão de não terem os EUA, publicamente, ameaçado a URSS de como seria respondida uma agressão soviética na Ásia Central, argumentou que não havia fatos suficientes e que não iria destruir sua credibilidade e provocar um distúrbio inútil nas relações Moscou-Washington. Esquecia-se que a comunidade de informações já havia relatado que mais de 30.000 soldados encontravam-se na fronteira e que 3 batalhões já haviam voado para uma base aérea próxima a Cabul.

Verifica-se assim que vaidades pessoais impediram uma ameaça direta contra uma invasão declarada.

Alguns oficiais americanos justificam a falta de previsão por acreditarem que, após a dura lição sofrida pelos EUA no Vietnam, não fosse a URSS incorrer no mesmo erro.

O Embaixador Americano em Moscou, Thomas J. Watson Jr. , admitiu não esperar tal comportamento dos soviéticos na presunção de que eles não iriam desejar correr o risco de uma confrontação nuclear.

Infere-se que faltou aos EUA uma visão histórica e cristalina, não considerando que: a) Em quase dois mil anos, a expansão soviética foi uma constante; b) A política externa da URSS mantém-se fiel aos objetivos determinados por Stalin; c) A busca do Índico é, para os soviéticos, uma determinante geopolítica; d) A fronteira Sul da União Soviética sofre a influência dos movimentos muçulmanos; e) A crise do Irã, nesse mesmo ano, reavaliava a importância estratégica do Afeganistão; f) A concepção soviética de distensão nunca excluiu a possibilidade de intervenção externa; g) O trampolim que se oferecia para a URSS na sua corrida para o Golfo e a consequente ameaça à rota do petróleo; h) O repúdio a Amin antes e após o afastamento de Taraki; i) O apoio indireto de Moscou aos dissidentes do PDPA, dando guarida ao ex-vice Karmal e a qua

tro ex-ministros; j) A URSS não permitiria maior influência dos EUA nas suas fronteiras, principalmente, no flanco sul.

As represálias dos EUA, após a invasão, foram significativas mas teriam sido contundentes se o governo Carter tivesse sensibilizado ou compulsado os países produtores de grãos ou fornecedores de tecnologia a não ocuparem o vazio deixado pelos americanos tornando tais sanções inócuas.

- PERDAS E GANHOS EXTERNOS PARA A UNIÃO SOVIÉTICA

Perdas

Com a invasão, o governo Carter passou a dar a URSS um tratamento declaradamente antagônico. As sanções impostas foram as mais expressivas após a II Guerra Mundial. Em represália, foram decretadas a suspensão da venda de cereais (embargo suspenso no ano seguinte), de tecnologia avançada e material estratégico, além da campanha de boicote à Olimpíada de Moscou. É evidente que o Tratado Salt II deixou de ser aprovado pelo Senado.

Os acontecimentos no Afeganistão deram pretexto aos americanos para dispender maior quantidade de recursos no aperfeiçoamento do Sistema de Defesa. Intensificou-se a corrida armamentista em detrimento do controle de armas.

Houve um real desgaste da imagem da URSS. Em todos os fóruns internacionais, foi denunciada a agressão soviética. O Terceiro Mundo passou a ver com descrédito as acusações dos soviéticos, atribuindo, hipocritamente, a outros países a prática de imperialismo. Muitos acordos internacionais têm sido protelados devido a invasão.

O apoio internacional à resistência armada aumentou consideravelmente. Além da assistência humanitária, os americanos estão apoiando as operações militares e, só em 1985, o Con -

gresso autorizou gastos de US\$ 250.000.000. Os vizinhos Irã e Paquistão têm tido grande influência nos acontecimentos, a despeito da pressão soviética para ambos alterarem suas políticas em relação à guerra. A China não apoia em armas mas tem arguido, como condição para melhores relações sino-soviéticas, a retirada dos invasores do Afeganistão. De maneira geral, o mesmo ocorre com os Estados Islâmicos, vizinhos ou não, com pouco apoio financeiro mas forte adesão política em detrimento de maior aproximação a Moscou.

Ganhos

Os ganhos imediatos foram a manutenção do Afeganistão sob influência soviética, revitalização do regime comunista imposto e maior segurança na fronteira.

O alargamento da Doutrina Brezhnev possibilita sua aplicação, agora, não somente aos países satélites mas, também, a todas as áreas que afetam diretamente a segurança da URSS.

O novo posicionamento geoestratégico da URSS facilita o acesso ao Estreito de Ormuz e ameaça a Força Naval dos EUA no Oceano Índico. Melhora as possibilidades de seculares ambições de expansão em direção ao Irã e Índia.

A invasão proporcionou um campo externo aos soviéticos para treinamentos, sob condições reais, desde o planejamento, mobilização e emprego da máquina militar.

Houve ganhos econômicos se considerarmos os recursos existentes no Afeganistão principalmente o gás natural. A compra do gás em pequenas quantidades em comparação com o consumo soviético, aumentou em 400% de 1978 para 1980 em razão do baixo preço pago pelos invasores. Só não são explorados pela URSS outros recursos minerais por estar a maior parte do território em poder dos rebeldes.

O ganho externo de maior ressonância logo após a invasão foi mostrar uma URSS dura e determinada diante de um EUA fraco, ingênuo e indeciso.

- PERSPECTIVAS PARA O AFGANISTÃO

As perspectivas para o conflito, em futuro próximo, dependem da aceitação pelo povo do regime imposto, da atuação dos rebeldes, do comportamento dos aliados da resistência e da predisposição da URSS.

O regime comunista local poderá, através de reformas bem sucedidas e formação de um governo de coalizão, firmar-se no poder de maneira a não necessitar das tropas alienígenas, caso contrário, irá desgastar-se continuamente, aumentando a dependência e subordinação à Moscou.

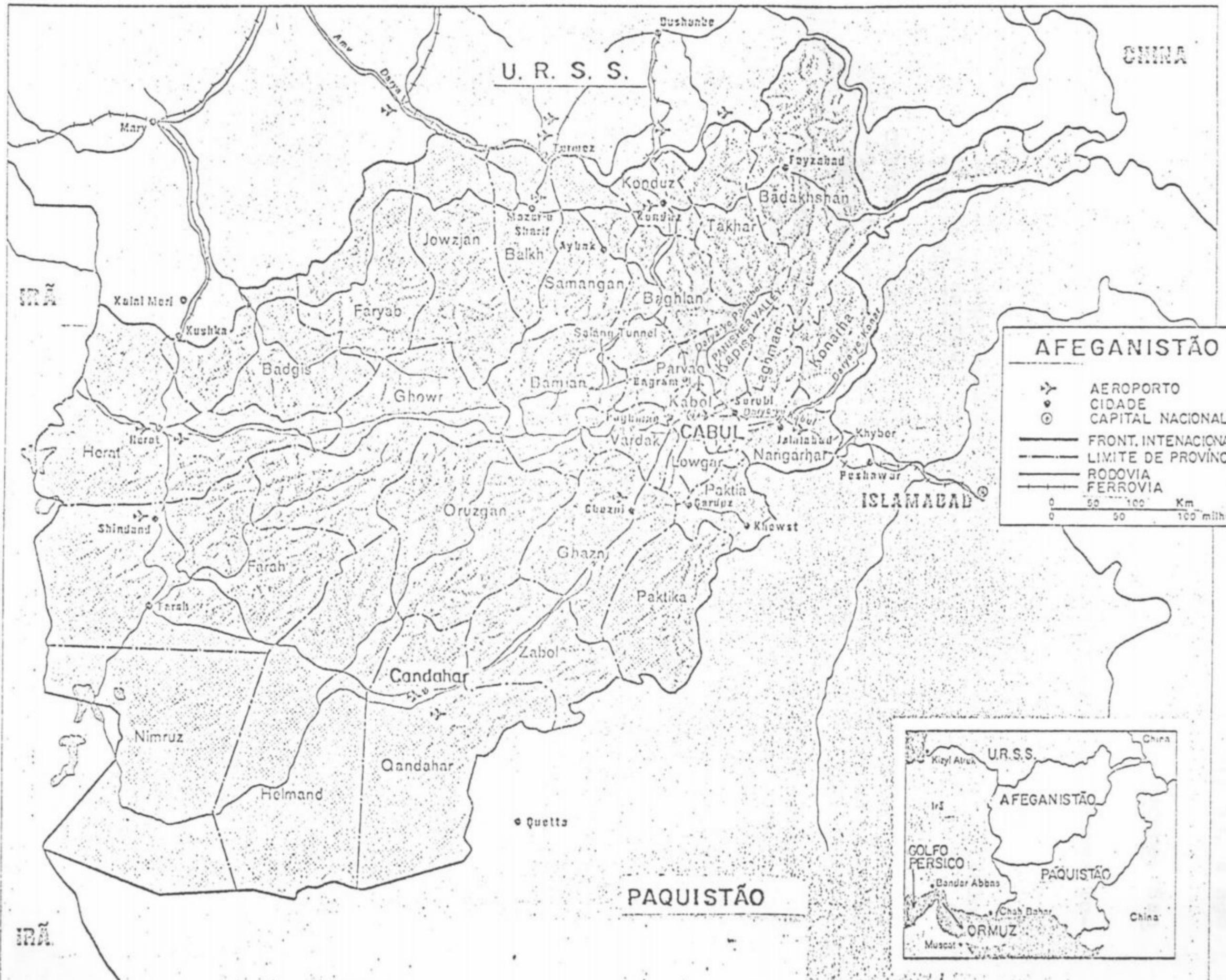
Os rebeldes continuarão controlando determinadas áreas, algumas com certa permanência e outras temporariamente. Ainda que heróica e meritória, a resistência não tem condições de expulsar os soviéticos ou mesmo impedir sua liberdade de manobra.

Os aliados dos rebeldes permanecerão proporcionando ajuda material e apoio político visando a retirada dos soviéticos, tendendo diminuir, aos poucos, por pressão de Moscou. Os aliados, influenciarão, em muito, as atitudes dos EUA e do Paquistão. As perspectivas mostram que a maior pressão americana já passou e que aos poucos Washington começa a digerir a incômoda presença. O Paquistão, através de suas fronteiras, proporciona fundamental apoio à resistência e nele residirá a possibilidade de saída honrosa dos soviéticos. O reconhecimento do regime de Cabul por Islamabad, patrocinado pela ONU e pretendido por Moscou, diminuiria a ação dos rebeldes, o estabelecimento de um governo comunista de coalizão, a saída honrosa das tropas invasoras e a sua volta, se necessária, de for

ma legitimada por solicitação do Presidente comunista.

As várias alternativas à disposição dos soviéticos, desde o envio de mais tropas até a retirada total, esbarram em condicionantes de difícil conciliação. Busca Moscou consolidar sua influência em razão do elevado investimento político no país mas, por outro lado, a desgastante e prolongada permanência de suas tropas preocupa Gorbachev.

Visualiza-se para o Afeganistão: 1) A formação de um novo governo comunista, ainda identificado com Moscou mas menos impopular; 2) O fortalecimento do exército local, tornando-o capaz de assumir um papel mais significativo; 3) O estabelecimento de melhores relações Islamabad-Cabul, sob a gestão da ONU, com o beneplácito dos EUA; 4) A retirada gradual e demorada das tropas soviéticas; 5) O retorno ao lar de parte dos três milhões de refugiados; e 6) Uma ameaça permanente de intervenção soviética ao menor sinal de fraqueza do regime de Cabul.



-A-1-

ANEXO A

BIBLIOGRAFIA

1. AFEGANISTÃO, MEIA VOLTA. Veja, São Paulo, (935); 54, 6 ago 1986.
2. AFGHANISTAN (General Data & Government). Kaleidoscope, Santa Barbara, CA. Apr 22, 1985. p.1-22.
3. AFGHANISTAN: PAST AND PRESENT. Moscow, Social Sciences Today, 1981.
4. ALMANAQUE ABRIL 1986. — São Paulo, Ed. Abril, 1986.
5. COLLINS, Joseph J.. A experiência soviética no Afeganistão. Military Review, Fort Leavenworth, Ka., 65(4); 18-31, 4º Trim 1985.
6. CORRÊA JUNIOR, Manoel Pio. Afganistão e Irã: Dois capítulos do mesmo processo histórico. A Defesa Nacional, Rio de Janeiro, (695): 47-58, mai/jun. 1981.
7. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, |1975|.
8. HAMMOND, Thomas Taylor. Red Flag over Afghanistan: The communist coup, the soviet invasion, and the consequences / Thomas T. Hammond. Boulder, Colo: Westview, 1984.
9. KHALILZAD, Zalmay. Moscow's Afghan War. Problems of Communism, 35, (1); 1-20, jan/fev 1986.

ESTE LIVRO DEVE SER DEVOLVIDO NA ÚLTIMA
DATA CARIMBADA

16 SET 2004



00017010000749

A Presenca sovietica no Afeganis

2-D-43

Costa, Valter da

A presença sovietica no Afegan
istão

2-D-43

DEVOLVER NOME LEIT. (749/87)

16 SET 2004 21 (FM) DIAS ~~21~~

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL
Biblioteca

Costa, Valter da

A presença soviética no Afegan
istão

2-D-43

(749/87)